



PARQUES VERDES NA CIDADE DE BELO HORIZONTE: ATRIBUTOS E PESOS NA PERSPECTIVA DA AMBIÊNCIA

¹Ítalo Brener Carvalho
²Marlusa Sevilha Gosling

RESUMO

Instrumentos ou escalas de avaliações de ambientes destinados ao lazer e às práticas esportivas, comumente estabelecem que cada atributo avaliado possuiria o mesmo peso na avaliação do usuário. A metodologia de “Constelação de Atributos” (*software* desenvolvido em âmbito acadêmico, de uso livre, destinado a pesquisas e estudos dos espaços) descreve por meio da perspectiva da ambiência que a avaliação psicológica das percepções, dos atributos citados por usuários de parques verdes urbanos, não são iguais. Esta afirmação é possível de ser considerada após uma coleta de dados realizada no período de Dezembro de 2017 a março de 2018, utilizando entrevistas semiestruturadas com 77 usuários de 17 parques na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais. A análise dos dados foi realizada por meio do agrupamento temático das categorias e dos atributos de maior frequência relatados pelos entrevistados. A matriz de dados faz parte de um estudo em andamento que teve por objetivo avaliar a qualidade de parques verdes na perspectiva do usuário, que apesar de reconhecerem e estarem satisfeitos com o ambiente, atributos como (1) Conservação e Limpeza; (2) Sanitários; (3) Lixo e Lixeiras e (4) Bebedouros possuem um peso psicológico maior na percepção dos usuários, enquanto atributos como (1) Contemplação; (2) Risco de Doenças; (3) Descolamento e Transporte possuem um peso psicológico muito menor na avaliação. Sendo possível apresentar visualmente os atributos que compõem a avaliação da qualidade do espaço verde em Belo Horizonte. Os resultados recortados neste artigo extrapolam a perspectiva da satisfação e avança para a perspectiva da ambiência.

Palavras-Chave: Áreas verdes urbanas. Avaliação do usuário de parques. Ambiência. Constelação de atributos.

Como referenciar em APA:

Carvalho, Í., & Gosling, M. (2019). Parques Verdes na Cidade de Belo Horizonte: Atributos e Pesos na Perspectiva da Ambiência. *PODIUM Sport, Leisure And Tourism Review*, 8(1), 115-127. <https://doi.org/10.5585/podium.v8i1.307>

¹ Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Minas Gerais, (Brasil). E-mail: italobrener@hotmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-8466-5215>

² Pós-Doutorado pela Universidade do Algarve - UALG, Faro, (Portugal). E-mail: mg.ufmg@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-7674-2866>



BELO HORIZONTE'S GREEN PARKS: ATTRIBUTES AND AN ENVIRONMENTAL PERSPECTIVE WEIGHTS

ABSTRACT

When evaluating environments for leisure and sports practices it is commonly established that each attribute would have the same weight in the user's evaluation. But in these assessments the weights of attributes cited by users of urban green parks through the perspective of ambience are not the same. A data collection was carried out from December 2017 to March 2018, through semi-structured interviews with 77 users from 17 parks in the city of Belo Horizonte MG. The analysis of the data was performed through the thematic grouping of the categories and the most frequent attributes reported by the interviewees. The data matrix is part of an ongoing study that aimed to evaluate the quality of green parks from the perspective of the user. Through the methodology of the Constellation of Attributes (software developed in academic scope, of free use, destined to researchers and studies of the spaces) this work points out the technique that uses the psychology of the surroundings and in the perceptions that condition reactions to the space that surrounds us. Attributes such as (1) Conservation and Cleanliness; (2) Toilets; (3) Trash and Trash and (4) Drinkers have a greater psychological weight in the perception of users, while attributes such as (1) Contemplation; (2) Disease Risk; (3) Takeoff and Transport have a much lower psychological weight in the evaluation. The results indicate that, according to users, although they recognize and are satisfied with the environment.

Keywords: Urban green areas. User evaluation of parks. Ambience. Constellation of attributes.

PARQUES VERDES EN LA CIUDAD DE BELO HORIZONTE: ATRIBUTOS Y PESOS UNA PERSPECTIVA DE LA AMBIENCIA

RESUMEN

Al evaluar entornos para el ocio y las prácticas deportivas, se establece comúnmente que cada atributo tendrá el mismo peso en la evaluación del usuario. Pero en estas evaluaciones los atributos citados por los usuarios de los parques verdes urbanos a través de la perspectiva del ambiente no son los mismos. Se realizó una recolección de datos desde diciembre de 2017 hasta marzo de 2018, 77 entrevistas semiestructuradas con usuarios de 17 parques en la ciudad de Belo Horizonte - MG. El análisis de los datos se realizó a través de la agrupación temática de categorías y los atributos más frecuentes. La matriz de datos es parte de un estudio en curso que tuvo como objetivo evaluar la calidad de los parques verdes desde la perspectiva del usuario. A través de la metodología de la Constelación de Atributos (software desarrollado en el ámbito académico, de uso libre, destinado a investigaciones y estudios de los espacios), este trabajo señala la técnica que utiliza la psicología del entorno y en las percepciones que condicionan las reacciones a la Espacio que nos rodea. Atributos como (1) Conservación y Limpieza; (2) aseos; (3) Basura y basura y (4) Los bebedores tienen un mayor peso psicológico en la percepción de los usuarios, mientras que atributos como (1) Contemplación; (2) riesgo de enfermedad; (3) El despegue y el transporte tienen un peso psicológico mucho menor en la evaluación. Los resultados indican que, según los usuarios, aunque reconocen y están satisfechos con el medio ambiente. Destacados en este artículo, presentados visualmente, forman parte de los atributos que componen la evaluación de la calidad del espacio verde en Belo Horizonte. contribuyendo a la satisfacción del usuario y avanzan hacia la perspectiva del ambiente, extrapolando la perspectiva de la construcción y de las evaluaciones para la perspectiva ambiental.

Palabras-clave: Zonas verdes urbanas. Evaluación de usuarios de parques. Ambiente. Constelación de atributos.



INTRODUÇÃO

O conceito de ambiência, aplicado em espaços públicos, se relaciona com o planejamento do espaço (de práticas esportivas, recreação ou de lazer, neste caso) seu uso, socialização (Mont'alvão, & Villarouco, 2011) que promovam atenção acolhedora e humana aos usuários (Ahern, 2002).

À medida que, um espaço público satisfaça os requisitos como de conforto, de segurança e de relaxamento, por meio de amenidades e equipamentos, de facilidades ofertadas ou de um espaço organizado (Fernandes, 2012), seria possível, espontaneamente, contribuir para aspectos muito mais amplos do bem-estar, a exemplo do desenvolvimento infantil (Dadvand, Nieuwenhuijsen, Esnaola, Forns, Basagaña, Alvarez-Pedrerol & Sunyer, 2015), de benefícios educacionais, do contato com a natureza, das atividades de aventura, de lazer e de práticas esportiva (Beck, 2009).

Segundo afirmativas de Bertram e Rehdanz (2015) quando usuários de praças, parques ou espaços verdes possuem uma boa avaliação da qualidade, manutenção e gestão do ambiente, percebe-se que, os mesmos usuários se sentem beneficiados pela melhoria dos níveis de saúde física e mental, por meio do contato com a natureza, da prática de exercícios, de um serviço público livre e gratuito de qualidade.

Assim, acompanhar e medir a avaliação da qualidade de espaços abertos, verdes e gratuitos dada por seus usuários daquele ambiente construído (Niemeyer & Labaki, 2014) não pode ser simplificada por uma avaliação resumidamente em positiva, satisfatória ou negativa (Reis & Lay, 2006).

A avaliação da qualidade do ambiente urbano construído se justifica não apenas pela medição da satisfação, mas também em relação a componentes específicos, avaliando também atitudes e comportamentos influenciados por atributos específicos (Bestetti, 2014). Relacionados à presença ou a ausência o grau de responsividade em relação a atributos da ambiência (Reis e Lay, 2006) apontam as dimensões dos espaços verdes que, possuem maior valor funcional, maior peso psicológico de avaliação positiva diretamente relacionada à qualidade de desenho dos espaços e a

sua integração no meio urbano (Gonçalves, 2013). Mediando e ampliando as satisfações associadas com a saúde, o bem-viver tanto em relação ao próprio espaço, mas também com seu entono ou com sua cidade (Jong, Albin, Skärbäck, Grahn & Björk, 2012).

Por esta razão elencar a percepção ambiental de espaços abertos (Niemeyer, & Labaki, 2014) e de áreas verdes, do ponto de vista da vivência do usuário, adotando-se a metodologia de **Atributos Induzidos** também conhecida pela ferramenta **Constelação de Atributos** torna possível a partir dos aspectos físicos e sensoriais a organização do ambiente, na busca de relações entre o usuário e o ambiente construído. Fortalecendo principalmente a área da ergonomia já que facilita a articulação de assertivas preliminares com riqueza de informações em uma visão gráfica mais próxima da realidade (Oliveira & Mont'alvão, 2016).

Ao apresentar padrões gráficos, a Constelação de Atributos, mensura e identifica atributos ligados à percepção do ambiente, à relevância da percepção cognitiva e sensorial principalmente de conforto que áreas verdes oferecem aos usuários. A lacuna encontrada de que há uma hierarquização entre atributos já foi apontada por Gupta, Roy, Luthra, & Maithani (2016), mas investigando apenas aspectos relacionados a acesso e acessibilidade.

Mesmo que haja planificação do uso, nem todos os usuários do espaço público têm as mesmas expectativas (Sant'Anna, Nelson, Oliveira, Martins, Jelihovschi, Souza, & Leal, 2016). Uma resposta de gestão padronizada ou o desenho planejado podem gerar conflitos entre grupos (Mont'alvão, & Villarouco, 2011). Por isso a dificuldade de se avaliar um parque, se não, no momento da visita e por diferentes perfis de usuários, já que grande parte da intensidade como seria avaliado, depende do que foi memorizado, das lembranças positivas ou negativas que o usuário teria, e consequentemente da fixação da experiência em atributos considerados mais relevantes.

Segundo Remesar (2008) converter a perspectiva do espaço público como uma mercadoria (ou por uma visão de serviço prestado), torna possível a efetiva gestão da qualidade do espaço público. Por meio desta perspectiva é importante destacar que a ideologia neste estudo é de um consumo para todos, em uma ambiência que



se preocupa no desenho de um serviço para todos (Mora, 2009). Sendo importante caracterizar os espaços públicos verdes (o campo) atributos da ambiência (as categorias) e ampliando dimensões atribuídas à constelação de atributos (método) as contribuições e resultados da pesquisa, limitações e sugestões de novas pesquisas.

Desta forma o objetivo deste trabalho é avaliar parques verdes urbanos públicos na cidade de Belo Horizonte, destacando quais atributos psicológicos possui maior ou menor peso na avaliação da ambiência.

ESPAÇOS PÚBLICOS VERDES

As áreas verdes consideradas neste trabalho são áreas com extensão delimitada, que possuem a função lúdica, educacional, cultural ou de lazer, que geralmente são visitadas em tempo programado e não excedem um dia de visita.

A visita à estes espaços podem se associar, genericamente, com as dimensões sugeridas por Pine II e Gilmore (1998) que sintetizam na experiência de

consumo e ainda as relacionam com a expectativa e a experiência de visitação, bem com na motivação e por fim na avaliação.

Para organizar o direcionamento e o caminho percorrido neste artigo partiu-se da pesquisa de bases *Web of Science*: base de dados referencial indexador de revistas científicas e que possibilita a busca bibliométrica para classificações, análise de produção científica e cálculo do índice H, apontam caminhos investigativos e críticas. O resultado da busca que utilizou como filtro os trabalhos nos últimos cinco anos que possuem no título, palavras-chave ou resumo os conceitos pesquisados de “Parques”, “Espaços Verdes” “Avaliação”, “Qualidade”, se concentram principalmente: (1) na falta de equipamentos e (2) sua manutenção, em (3) aspectos tangíveis ou de (4) apoio ao conforto e uso como, por exemplo, bancos e outras infraestruturas de apoio à prática de atividades, como banheiros e bebedouros, elencados a seguir no quadro 1 que resume os trabalhos de impacto científico relevante e atualizado, que relacionam os parques com qualidade.

Quadro 1 - Estudos de avaliação qualidade de parques

Perspectiva do estudo	Descobertas	Autoria e ano publicação
O sucesso do espaço público	Acessibilidade ao envolvimento, ao conforto e a imagem, promovendo um espaço sociável, onde as pessoas se encontram/marcam encontro e levam as suas visitas.	(Madden, & Wiley-Schwartz, 2012)
Prática esportiva	Associaram a presença de espaços verdes urbanos a níveis de maior atividade física que ajudam a promover a saúde dos cidadãos.	(Jong et. al, 2012)
Combate ao sedentarismo	Viver na proximidade de um espaço verde urbano está associado a um estilo de vida menos sedentário	(Dadvant et. al, 2015)
Acessibilidade e distribuição espacial	Disponibilidade dos espaços verdes urbanos na cidade de Santiago no Chile e analisaram também a distribuição em áreas por metro quadrado	(Barrera et. al, 2016)
Bem-estar	Espaço verdes e contribuição multidimensional para o bem-estar	(Bertram & Rehdanz, 2015)
Acesso e acessibilidade	Baseado na hierarquização de acesso e acessibilidade em espaços verdes urbanos	(Gupta et. al, 2016)

Fonte: elaborado pelos autores

Estes trabalhos confirmam que as experiências de visita a parques verdes envolvem uma avaliação (uma inferência pessoal do cotidiano do sujeito). Que por meio da experiência e da avaliação de aspectos tanto tangíveis como intangíveis se associam em diferentes graus de impacto nos critérios avaliativos de um usuário (Gândara, Silva, Viana & Carvalho, 2011).

Outra confirmação possível com o levantamento é afirmar que o registro dos interesses, o registro

dos elementos constituintes do espaço marcam ou marcaram a visita (Carlos, Souza & Sposito, 2014) e estes interesses e elementos do espaço, seriam, portanto fundamentais para identificar como o usuário percebe o ambiente.

Como dito por Gândara et. al, (2011) o aspecto da experiência é fundamental, e a distinção de 4 dimensões da experiência dada por Pine II e Gilmore (1998) contribuem para o desenho deste artigo, são elas: (1) de contemplação; (2) de evasão;



(3) de aprendizagem e (4) de entretenimento. Como também as 5 dimensões da experiência segundo Schmitt (1999): (1) experiências sensoriais; (2) experiências afetivas; (3) experiências cognitivas e criativas; (4) experiências físicas, comportamentos e estilos de vida e por fim experiência de (5) identidade social que resulta de um relacionamento com um grupo de referência ou cultura.

Os estudos de Pine II e Gilmore (1998) Schmitt (1999) dois autores seminais ao se discutir experiências e da diferenciação dos elementos presentes na percepção dos usuários são muito citados no contexto da experiência de turismo e de lazer. Ao prover que há distinção das experiências, as discussões dos autores deixam uma lacuna: o peso que um atributo possui, o peso psicológico seja por valorar elementos que favorecem a permanência ou atributos associados ao conforto, seja por ponderarem a capacidade do ambiente em prover a imersão do usuário em alguma atividade, ou ainda a associação de critérios e condições que promovam a participação, o envolvimento do usuário ou ao relaxamento como elementos chave da experiência, com o intuito de torna-la mais divertida e aprazível: não possuem o mesmo peso avaliativo.

ATRIBUTOS DA AMBIÊNCIA

Avaliações tangíveis são usadas nos estudos da qualidade de parques verdes, porém o ambiente avaliado não é constituído apenas por elementos concretos. Os ambientes que nos cercam são produzidos por meio das práticas sociais, pela soma de atividades que definem o ambiente urbano, caracterizado pelas condições específicas presentes em determinado espaço (Sant'Anna et. al, 2016). A ambiência seria um elo, uma ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades ao realizar estas atividades ou por impressões nos comportamentos individuais (Oliveira et. al, 2014). A proposta de se incorporar a ambiência seria, portanto, mais do que o somatório de significados, considerando também o que permite perceber, de acordo com ela, os ambientes que nos cercam (Duarte, Pinheiro, Uglione, Cohen, 2012).

O ambiente que envolve uma cidade para todos, dos ambientes que constituem a vivência urbana não é recente na literatura. Interfaces entre

pesquisadores precursores como Lynch (1960), Jacobs (1961) estão presentes nos estudos do espaço público na atualidade. Estudos contemporâneos buscam consolidar padrões sensíveis de ambiências urbanas, entre os atributos que definem a ambiência e o espaço público. Os atributos da ambiência, portanto contribuiriam para apontar o “**Desenho Ideal**” de áreas de lazer e recreação. As interfaces consideradas nas ideias de Howard (1946) que em sua obra *Garden Cities of Tomorrow*, pós-segunda guerra, trouxeram avanços e direcionamentos no planejamento urbano, de desenho e planejamento, observadas em muitas partes do mundo como nos subúrbios americanos de renovação urbana, o que acabou extrapolando para outras cidades mundiais como São Paulo e Caracas na década de 70.

Ampliando o olhar avaliativo tanto como uma alternativa, como uma oportunidade criativa Beck (2009) a investigação do uso espontâneo do espaço, como uma ocorrência natural em quaisquer Espaços Públicos. A inexistência ou por condições precárias do desenho de espaços tradicionais, direcionam o uso de espaços.

De acordo com Carmona, Heath, Tiesdell, Carmona (2012) alguns critérios definem o “desenho ideal” de um espaço urbano. Os autores defendem que a qualidade do espaço público deve incluir:

- (1) possibilitar a diversidade e a escolha: misturando usos, facilitando o caminhar e remover as barreiras à acessibilidade local.
- (2) Distinção: refletir a forma urbana, a cidade-paisagem; contribuindo para o senso de lugar - distinção local; agregando e grupos importantes no espaço.
- (3) As necessidades humanas: proporcionar espaços públicos legíveis e de alta qualidade; combater o crime através do desenho do espaço e da sua gestão; aumentar a segurança; projeto para o contato social e para as atividades infantis com segurança.
- (4) Suporte biótico: desenho de paisagismo robusto e renovação das árvores incentivar o verde e a criação de jardins.
- (5) Concentração: aumentar a vitalidade através da concentração de atividade.
- (6) Robustez e resistência: desenhar espaços robustos, utilizáveis para muitas funções; espaços que possam acomodar diversas infraestruturas; design para espaço útil.
- (7) Eficiência dos recursos: desenho que permita a penetração do sol; desenho que induza a redução da velocidade e restrinja a circulação de veículos; desenho que reduza a velocidade do vento e melhore o



microclima; uso de materiais locais, naturais; captura e reciclagem da água.

(8) Autossuficiência: incentivar a autopolicimento através do design.

Da mesma forma que ao se avaliar a dimensão da estrutura (aspecto tangível), percebe-se a existência de insatisfações quanto ao equipamento, prejudicando a concepção ou a construção de uma imagem positiva de ambiência de imagem do usuário em relação ao espaço (Oliveira, Pinto, Christello, Dias, Herkson, Lopes, & Alves, 2014) excludentes primordialmente três eixos:

- (1) O espaço valoriza elementos do ambiente que interagem com as pessoas – cor, cheiro, som, iluminação, morfologia, garantindo conforto aos usuários;
- (2) O espaço possibilita a produção de subjetividades – encontro de sujeitos – por meio da ação e reflexão sobre os processos de trabalho;
- (3) O espaço usado como ferramenta facilitadora do processo de trabalho, favorecendo a otimização de recursos, o atendimento humanizado, acolhedor e resolutivo.

Assim o grau (a intensidade) das necessidades, das avaliações ou dos problemas apontados por usuários que melhorariam ou que indicariam as estratégias necessárias para melhoria das condições de infraestrutura, ambiente agradável (ambiência), confortável e acolhedor (Niemeyer & Labaki, 2014) seriam capazes de ampliar o sentimento de satisfação, valoriza-los como algo seu, que é financiado com recursos públicos. Uma abordagem sistemática de avaliação qualitativa apresentada por Madden e Wiley-Schwartz (2012) após a observação de milhares de espaços públicos em todo o mundo, concluiu que os considerados mais bem-sucedidos correspondem àqueles que reúnem quatro qualidades:

- (4) São acessíveis;
- (5) As pessoas estão envolvidas em atividades dentro deles;
- (6) O espaço é confortável e tem uma boa imagem;
- (7) E finalmente, é um espaço sociável, onde as pessoas se encontram/marcam encontro e levam as suas visitas.

Ou seja, as dimensões de avaliação perpassam tanto por elementos físicos, concretos e desenhados em modelos ideais como também por avaliações intangíveis que dependem da criação de um

ambiente, de sensações, do envolvimento e da subjetividade.

DIMENSÕES ATRIBUIDAS

Fica claro até aqui, que ao considerar que a avaliação de um parque é constituída tanto por um ambiente físico, como por um ambiente imaginário (Ewing, & Handy, 2009). Razão pela qual a avaliação perpassa por aspectos tangíveis e intangíveis, já apontados em diferentes graus de impacto nos critérios avaliativos de um usuário (Gândara et. al, 2011).

Áreas verdes, não escapam deste padrão avaliativo. Já que envolve tanto o ambiente preservado a natureza natural, elementos construídos, portaria de acesso, bancos equipamentos de esporte ou lazer, pavimentação, facilidades como bebedouros e banheiro. Somados a estes atributos que envolveriam elementos como o acolhimento do usuário que buscam o relaxamento, o esporte ou a recreação como tempo de lazer e para o desenvolvimento pessoal e coletivo (Barrera, Reyes-Paecke & Banzhaf, 2016).

Assim o registrar interesses, elementos do espaço que constituem maior significado e que compõe atributos avaliativos de uma visita (Carlos, Souza & Sposito, 2014) seriam fundamentais para identificar como o usuário percebe o ambiente. Faz-se necessário neste tópico apontar as dimensões consideradas neste estudo, que tem como base os estudos elencados. O (1º) primeiro deles segundo De Angelis et. al, (2004), o levantamento quantitativo de **Equipamentos e Estruturas Existentes** incluem elementos avaliativos como: Bancos, Conservação, Conforto; Áreas sombreadas, Cestos de lixo, Sanitários, Bebedouros, Piso, Traçado dos caminhos, Elementos de arte, Espaços desportivos, Equipamentos para prática de exercícios físicos, Quiosques para alimentação, resumindo o conforto ambiental.

O (2º) segundo, a dos **Acessos e Ligações** considera que um espaço público facilite a sua visualização, seu reconhecimento e esteja próximo, que proporcione facilidade em seu percurso. Inclui também a facilidade de visuais de localização, visíveis e físicas, facilmente percorrido, que respeite a escala humana facilitando a visualizado à distância (Gehl, 2006) e na proximidade e que



possua serviços alternativos de acesso por transporte público (Gupta et. al, 2016).

Verificar os limites do espaço também é importante, considerado como (3º) terceiro, principalmente pela **Sensação de Segurança** decorrente do movimento, da circulação e do controle de pessoas, tornado mais seguro o caminhar, o uso e o relaxamento (Gehl, 2006). Esta terceira dimensão a segurança considera que a função da localização, frequência de pessoas, policiamento e conservação.

O **Embelezamento Espacial**, referindo-se a (4ª) quarta dimensão, já considera apontamentos de avaliações da arquitetura, dos equipamentos, bem como serviços complementares e utilidades que fazem parte de como o usuário usufrui e conseqüentemente avalia os parques públicos (Wakefield & Blodgett, 1994).

Mencionada algumas vezes na literatura como dimensão estética, segundo Moro (2011) inclui critérios de Acessibilidade, Espaços para a circulação, Mobilidade, Vegetação, Qualidade paisagística e tipos de usos. Estética é uma dimensão da avaliação que agrupa a natureza verde, a paisagem que desempenha um papel na determinação de se usuários estão satisfeitos, o que, por sua vez, influenciam no tempo que ficam neste local.

Já capacidade de proporcionar **Conforto ao Usuário**, é considerada multidimensional. Esta (5ª) quinta dimensão propões avaliar do descanso ao relaxamento, inclui indicadores para a monitorização dos parques urbanos como: sua vegetação, Biodiversidade, Absorção de ruído, Microclima, Realização de atividades desportivas e culturais, Promover a saúde física e mental, Fomentar a convivência comunitária, oferta de lugares para sentar ou para o descanso – a importância que se atribui à possibilidade de escolhas para sentar é geralmente subestimada (Madureira & Andresen, 2014).

E por fim itens que facilmente a percepção e avaliação da (6ª) sexta dimensão: **Integração e o Encontro**. Esta qualidade é a mais difícil de um espaço obter, quando as pessoas encontram amigos, confortáveis ao interagir com desconhecidos, tendem a adquirir um forte sentido de lugar/pertença à comunidade (Gehl, 2006).

Influenciando na frequência (em volume e características dos frequentadores).

Estas seis dimensões oferecem um ponto de partida para as análises dos dados, mas não oferecem uma ferramenta capaz de analisar os atributos elencados. Afinal segundo Madureira e Andresen (2014) as avaliações destes parâmetros estão suscetíveis a certa dose de subjetividade, mesmo em elemento considerados objetivos.

Pesquisas que tem como metodologia central a frequência ou a popularidade de um espaço não constituem uma avaliação aplicável em qualquer realidade cultural ou contexto geográfico, sendo necessário assim buscar empiricamente validar sua totalidade ou ainda sua parcialidade. No próximo tópico apresentamos uma possibilidade de preencher esta lacuna, por meio da metodologia proposta.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo foi desenvolvida por Ekambi-Schmidt (1974) para uso em pesquisas acadêmicas e também por profissionais em temática voltadas para ambiente-comportamento. Usada como uma ferramenta técnica que possibilita de forma adicional prover uma análise de pesos psicológicos em relação à percepção ambiental.

Contribuindo para a formação de uma visão crítica em pesquisas envolvendo ergonomia do ambiente construído (Oliveira & Mont'Alvão, 2016) e avaliação da qualidade de um Espaço Público contribuindo em como se avalia o conceito de percepção do usuário ou relacionado à interação entre o espaço e os utilizadores.

Um roteiro semiestruturado foi aplicado a 77 usuários de diferentes parques na capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Realizou-se por meio de entrevista semiestruturada e observação para complementar ao instrumento utilizado. A coleta dos dados foi realizada entre os meses de Abril e Maio de 2016, em dias e parques aleatórios, escolhidos por sua localização e pelo fluxo de frequência, por pesquisadores treinados para esta coleta. Assim, esta pesquisa foi realizada em 17 parques da cidade de Belo Horizonte, MG.



Tabela 1 - Parques visitados para avaliação da qualidade

Parque Pesquisado	Numero de Coletas
1. Parque Municipal Américo Renné Giannetti	24
2. Parque das Mangabeiras	15
3. Parque Ecológico da Pampulha	9
4. Parque Elias Michel Farah	5
5. Parque JK	3
6. Parque Ecológico Fazenda Lagoa do Nado	3
7. Parque Renato Azeredo	3
8. Parque Ecológico e Cultural Professor Marcos Mazzoni	2
9. Parque Ismael de Oliveira Fábregas	2
10. Parque Municipal Ursulina Andrade Mello	2
11. Parque Municipal Rosinha Cadar	2
12. Horto Municipal de Betim	1
13. Parque da Serra do Curral	1
14. Parque Ecológico Roberto Burle Marx	1
15. Parque Jornalista Eduardo Couri - Barragem Santa Lúcia	1
16. Parque Linear	1
17. Parque Universitário	1
Total	77

Fonte: Dados da pesquisa

Os roteiros foram identificados, caso o entrevistado se sentisse a vontade e catalogados. Esta identificação não é necessária, mas favoreceu a codificação da matriz de dados. Numerados pela ordem de coleta garantindo assim o anonimato e o uso para fins acadêmicos. A transcrição do instrumento em uma matriz de dados e as observações apresentadas, catalogadas como parte integrante de um estudo mais amplo.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática que foram apontadas pela literatura utilizando o *software Constelação de Atributos* permitindo a construção de um modelo gráfico. Ordenando visualmente atributos qualificadores elencados pelos entrevistados, da experiência vivida e que afetam sua percepção. Por meio deste *software* duas saídas prescrevem os qualificativos e frequências tabuladas gerando uma planilha de atributos categorizados do ambiente analisado, bem como uma figura em espiral com o cálculo das distâncias psicológicas, além de fornecer um modelo gráfico com o um código cromático associado às categorias/atributos.

A aplicação do modelo visa materializar a consciência psicológica e o grau de empatia do usuário com o ambiente vivido e destacando os atributos considerados mais relevantes. **Os atributos apontados como próximos (ou com maior efeito psicológico na avaliação do usuário)** beneficiam pesquisas acadêmicas e auxiliam profissionais voltadas à temática ambiente-comportamento como uma ferramenta adicional

para levantamento da percepção ambiental. A seguir as análises e discussões elencam em torno das percepções do usuário quais fatores condicionam nossas reações ao espaço que nos rodeia

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Comumente apontado na literatura os atributos avaliativos dos espaços públicos apontados por usuários (Niemayer et. al, 2014) perpassam por fatores que vão além dos atributos físicos. Por exemplo, a relação da avaliação com as motivações da vista (Mont'alvão & Villarouco, 2011), as facilidades propiciadas pelo ambiente (Fernandes, 2012) e encontram em uma perspectiva que é fortemente influenciada pela sensação de bem-estar (Bertram, 2015) e pelas expectativas do usuário (Sant'ana, 2016) que antecedem a vista.

Percebe-se que apontar atributos específicos (Bestetti, 2014) é fundamental para definir atributos com maior ou menor peso psicológico. Já que o peso na avaliação dos usuários em cada um dos atributos avaliativos em torno da percepção ambiental de áreas verdes é dado do ponto de vista da vivência do usuário Mora, (2009) e envolve uma experiência e aponta a forte relação por meio da perspectiva da ambiência de que estes pesos não são iguais. Está perspectiva de hierarquia já foi apontada nos estudos de Gupta et. al, (2016).

As perspectivas de análise e do planejamento do espaço, bem como seu uso, e a sua capacidade de promover socialização na perspectiva humana é



alternada (Gehl, 2006). À medida que um espaço público satisfaça atributos ou requisitos como o do conforto, da segurança e do relaxamento, por meio da avaliação dos equipamentos, da organização do espaço e das facilidades ofertadas (Fernandes, 2012), seria possível, potencializar a visitação e contribuir para o bem-estar nas cidades.

Os pesos dos atributos analisados confirmam o que já foi dito por Bertram e Rehdanz (2015) quanto maior a avaliação positiva da qualidade do parque, maiores são as percepções de importância e de benefícios à saúde por parte do mesmo usuário.

Da mesma forma as avaliações negativas, satisfatórias ou negativas (Reis & Lay, 2006) e as dimensões dos espaços verdes com maior peso psicológico, estão diretamente relacionadas à qualidade do desenho dos espaços e a sua integração no meio urbano (Gonçalves, 2013).

A hierarquização dos elementos que elencam a percepção, a partir dos aspectos físicos e sensoriais

da organização do ambiente construído, busca nas relações entre o usuário e o ambiente construído (Oliveira & Mont’alvão, 2016) confirma que o espaço físico é limitado, ou pela falta de conforto e, às vezes, por problemas nas instalações inadequadas, manutenção precária dos espaços, gerando insatisfação (Schmid, 2005). Alguns relatos confirma que alguns usuários estão satisfeitos, situação que pode ser explicada pela comparação com outras áreas ou até a não capacidade de comparação.

No quadro 2 é possível perceber que mesmo os atributos elencados na avaliação ambiental de áreas verdes, do ponto de vista da vivência do usuário, facilitam a articulação de assertivas preliminares com riqueza de informações em uma visão gráfica mais próxima da realidade. Mesmo que o desenho dos parques planifique seu uso, a percepção de qualidade pode surpreender.

Quadro 2 – categorias para avaliação de parques verdes urbanos e pesos psicológicos.

CATEGORIAS	ATRIBUTOS ASSOCIADOS AO AMBIENTE	OCORRÊNCIAS	CLASSIFICAÇÃO	DISTANCIA PSICOLÓGICA
1. ASPECTOS TANGÍVEIS	Conservação e Limpeza	20	1	1.3
	Lixo e Lixeiras	18	3	1.3
	Quadras esportivas	16	4	1.4
	Áreas de lazer	15	5	1.5
	Estrutura	12	7	1.8
	Vandalismo e Pichações	10	9	2
	Gramado verde	6	13	3.7
SUBTOTAL		97		
2. ACESSO	Acesso informação	12	7	1.8
	Distribuição de parques pela cidade	10	9	2
	Divulgação	10	9	2
	Proximidade da residência	10	9	2
	Deslocamento e transporte	4	15	11
SUBTOTAL		46		
3. ACESSIBILIDADE INTERNA	Facilidade de acesso interno	9	10	2.3
	Placas e mapas indicativos	9	10	2.3
	Acessibilidade	8	11	2.5
	Sinalização	7	12	3
SUBTOTAL		33		
4. SEGURANÇA	Vigilância e Policiamento	8	11	2.5
	Controle fluxo entrada	5	14	5.3
	Risco doenças	4	15	11
SUBTOTAL		17		
5. ESTÉTICA	Beleza visual	8	11	2.5
	Elemento paisagístico	8	11	2.5
	Espaço de preservação	6	13	3.7
	Elemento estético	5	14	5.3



	Contemplação	4	15	11
	Ponto de referência	4	15	11
	SUBTOTAL	35		
6. CONFORTO AO USUÁRIO	Sanitários	19	2	1.3
	Bebedouros	16	4	1.4
	Quiosque de alimentos e lanchonetes	7	12	3
	Bancos e área de descanso	5	14	5.3
	SUBTOTAL	47		
7. SOCIABILIDADE	Momentos em família	15	5	1.5
	Número de pessoas no espaço	13	6	1.7
	Promoção de Eventos integradores	11	8	1.9
	Confraternização entre amigos	10	9	2
	SUBTOTAL	49		
	TOTAL DE RESPOSTAS	324		
	TOTAL DE ENTREVISTADOS	77		

Fonte: Gerardo a partir do software Constelação de atributos.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve por objetivo avaliar a ambiência de parques verdes urbanos públicos na cidade de Belo Horizonte, destacando quais atributos possui maior ou menor peso psicológico na avaliação da qualidade do serviço prestado na perspectiva do usuário.

Dessa forma extrapola-se avaliação centrada unicamente em elementos concretos e físicos, mas inclui a avaliação de elementos sensoriais, de aspectos subjetivos que o espaço proporciona e que influencia diretamente na satisfação positiva dos usuários.

O objetivo deste artigo foi alcançado, sendo possível apresentar visualmente os atributos que compõem a avaliação da qualidade dos espaços verdes em Belo Horizonte.

Reconhece-se que esta avaliação é constituída por variáveis independentes e dependentes agrupadas em dimensões, tornando possível estabelecer variáveis e valores, pesos interrelações no processo de avaliação do usuário.

O uso da metodologia **Constelação de Atributos**, como ferramenta complementar, indicada para o fenômeno observado nos espaços públicos, subsidiando uma análise mais complexa. Apontando desta forma, um instrumento de medida que permite descobrir quais são as características

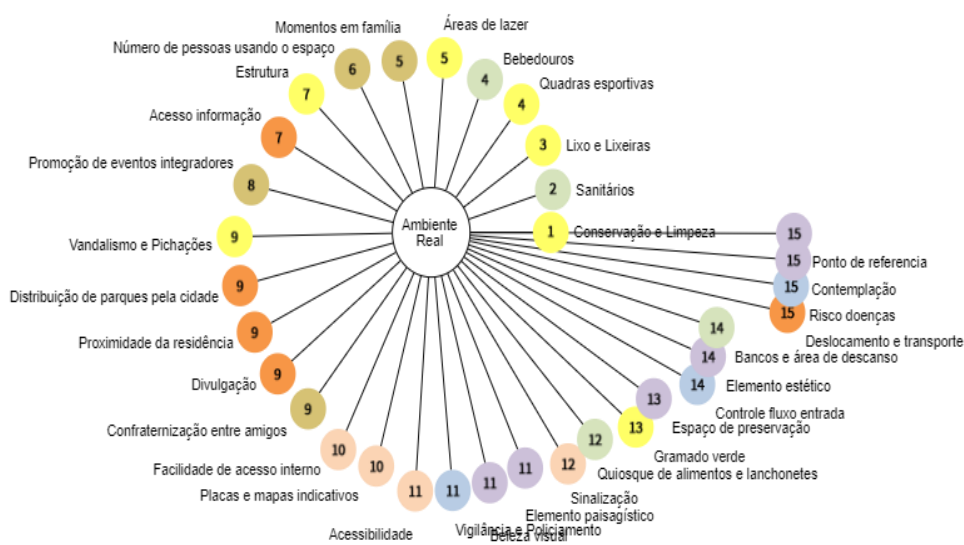
próprias desses espaços e explicar as alterações que foram verificadas nesses lugares.

As categorias descritas abarcam as dimensões morfológicas, as dimensões funcionais, as dimensões de socialização e a dimensão ambiental sendo assim observada a importância sensorial de avaliação. Ao apresentar padrões gráficos - constelação de atributos - é possível identificar e mensurar atributos ligados à percepção do ambiente, a relevância da percepção cognitiva, destacando principalmente o conforto que áreas verdes oferecem aos usuários.

Como as compreensões das necessidades do usuário perpassam por fatores qualitativos como: o envolvimento ativo, das práticas de uso, como também pelo envolvimento passivo de conforto e relaxamento. Por questões, portanto que vão do convite a permanência no lugar por questões tangíveis como facilidades para sentar, sombra, água e banheiro como iluminação mobiliário e o contexto da segurança. A seguir é apresentado o resultado final da constelação de atributos apresentado em forma de espiral, a figura 1 - demonstra que os atributos apresentados iniciam de um peso maior, de uma avaliação que possui peso em critérios que impactam na satisfação, na percepção durante o uso, nas práticas de atividades e funcionamento do espaço.



Figura 1 – Pesos psicológicos na avaliação de parques verdes urbano



Fonte: Gerardo a partir do software Constelação de atributos.

Os pesos psicológicos do ambiente real avaliado, portanto, neste caso, nesta amostra, possuem como variáveis de maior peso psicológico a Conservação e Limpeza, a disponibilidade de sanitários, ausência de lixo e presença de lixeiras, disponibilidade de quadras esportivas e bebedouros como atributos com peso maior que os últimos atributos elencados o parque como ponto de referência para cidades, a capacidade contemplativa, o risco de doenças e questões referentes a deslocamento e transporte. Confirmando que os elementos tangíveis estão presentes nas dimensões atribuídas.

Mas é possível perceber que se distanciando do centro da avaliação se encontram novas dimensões, as quais contribuem para a avaliação do espaço. O primeiro a ser sinalizado é o vandalismo e pichações, outro relacionado à segurança e fluxo de pessoas. Dimensão que se relaciona na perspectiva da socialização (Mont'Alvão, & Villarouco, 2011) e acolhimento (Ahern, 2002).

Este estudo apresenta limitações, ao fornecer por meio destes atributos que as razões pelas quais às pessoas vistam, retornam e matem uma avaliação positiva abarcam outras questões não esgotadas neste trabalho. Conforme já apontado por Bertram

& Rehdanz (2015) ser relacionam diretamente com sensações de bem-estar e por isso necessária novas investigações. Alguns apontamentos observados na amostra indicam que a disponibilização de atividades e ou estímulos às práticas nestes espaços, poderiam apontar novas dimensões como (1) Quantidade de atividades disponíveis e que as pessoas possam participar, (2) que diferentes faixas etárias usam o espaço de formas muito distintas (3) a variação do tempo, da frequência ao espaço ao longo do dia, interfere nas práticas, no uso e conseqüentemente na avaliação ambiental, (4) a vista em grupo é mais bem avaliada do que aquele que uma vista individual, evidenciando o caráter coletivo e de socialização destes espaços. Portanto é possível compreender, assim, que quanto mais diversificadas forem as ambiências e as “afetividades” nos espaços públicos, maior é o sentimento de apego por parte dos sujeitos que usufruem das experiências cotidianas dos lugares, apego este preconizado por Jacobs (1961) como uma das molas propulsoras da vida nas cidades.

O grau em ambientes estruturados (no tempo e no espaço) pelos usuários promove segundo Lynch (1960): um sentido de adequação - o grau em que a forma e a capacidade dos espaços coincidem com o



padrão de comportamentos que as pessoas desempenham ou querer desempenhar. Os resultados apresentados ajudam a atualizar como os usuários estão percebendo esta relação.

Este artigo prescreve a gestores e agentes envolvidos com o espaço verde urbano a possibilidade de ampliar a movimentação, a frequência destes espaços justifica o gasto público pelo direito ao uso e ao acesso sendo importante tanto a gestão como a manutenção para vigilância,

limpeza da área, assistência aos usuários pelas facilidades básicas necessárias. Por fim apontamos uma descoberta que seria desenvolvida em novas pesquisas, relações de amor e afeto despertado por estes ambientes, as possibilidades de encontro, nascem no imaginário coletivo bem como o sentido de preservar memórias afetivas, do apego ao lugar que cultivado em comunidade contribuem para mudança de comportamento na promoção de ambiências dos parques.

REFERENCIAS

Ahern, J. F. (2002). *Greenways as strategic landscape planning: Theory and Application*. Wageningen University.

Barrera, F., Reyes-Paecke, S., & Banzhaf, E. (2016). Indicators for green spaces in contrasting urban settings. *Ecological Indicators*, 62, 212-219. <https://doi.org/10.1016/j.ecolind.2015.10.027>

Beck, H. (2009). Linking the quality of public spaces to quality of life. *Journal of Place Management and Development*. Vol. 2, nº 3, 240-248, Emerald Group Publishing Limited, London.

Bertram, C., & Rehdanz, K. (2015). The role of urban green space for human well-being. *Ecological Economics*, 120, 139-152. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2015.10.013>

Bestetti, M. L. T. (2014). Ambiência: espaço físico e comportamento. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* vol.17 no.3 Rio de Janeiro jul./set. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083>

Carlos, A. F. A., Souza, M. L. & Sposito, M. E. B. (2014). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. V.16, N.2, p.246-249. <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2014v16n2p246>

Carmona, M., Heath, T., Oc, T., Tiesdell, S., Carmona, M. (2012). *Public Places - Urban Spaces*. London: Routledge.

Dadvand, P., Nieuwenhuijsen, M.J., Esnaola, M., Forns, J., Basagaña, X., Alvarez-Pedrerol, M., Sunyer, J. (2015). Green spaces and cognitive development in primary schoolchildren. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 112(26), 7937-7942. <https://doi.org/10.1073/pnas.1503402112>

De Angelis, B., Castro, R., Neto, G. (2004). Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. *Universidade Estadual de Maringá*, nº 20, 57-70.

Duarte, C. R., Pinheiro, E., Uglione, P., & Cohen, R. (2012). Na cidade com o outro: o papel de Jane Jacobs para a consolidação dos padrões sensíveis das ambiências urbanas. III Seminário Internacional Urbicentros. Salvador

Howard, Ebenezer (1946). *Garden Cities of Tomorrow*. London, 147p.

Ekambi-Schmidt, J. (1974). *La Percepción del hábitat*, Gili, Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

Ewing, R., & Handy, S. (2009). Measuring the unmeasurable urban design qualities related to walkability. *Journal of Urban Design*, 14(1), 65-84. <https://doi.org/10.1080/13574800802451155>

Fernandes, A. C. T. D. (2012). *Metodologias de Avaliação da Qualidade dos Espaços Públicos*. Dissertação em Engenharia Civil e Planejamento. Faculdade de engenharia da universidade do porto.

Gândara, J. M. G., Silva, E. K. L., Viana, M. S., Carvalho, R. C. O. (2011). Sementes da Mata Atlântica: Conformação do produto cultural para o Destino de Itacaré – BA. *Revista de Cultura e Turismo: CULTUR*, 5(1), 3-18.

Gehl, J. (2006). *La Humanización del Espacio*. Barcelona: Editorial Reverté. Hall.

Gonçalves, A. J. J. (2013). El valor funcional de la estructura verde urbana: Aportación desde el estudio de los espacios verdes de la ciudad de Bragança (Portugal). UPM. <http://hdl.handle.net/10198/11428>



- Gupta, K., Roy, A., Luthra, K., & Maithani, S. (2016). GIS based analysis for assessing the accessibility at hierarchical levels of urban green spaces. *Urban forestry & urban greening*, 18, 198-211. <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2016.06.005>
- Jacobs, J. (1961). *The death and life of great american cities*. New York: Random House. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa.
- Jong, K., Albin, M., Skärbäck, E., Grahn, P. K., & Björk, J. (2012). Perceived green qualities were associated with neighborhood satisfaction, physical activity, and general health: Results from a cross-sectional study in suburban and rural Scania, southern Sweden. *Health & Place*, 18(6): 1374–1380. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2012.07.001>
- Kirk L. Wakefield, Jeffrey G. Blodgett, (1994) The Importance of Servicescapes in Leisure Service Settings, *Journal of Services Marketing*, Vol. 8 Issue: 3, pp.66-76. <https://doi.org/10.1108/08876049410065624>
- Lynch, K. (1960). *The image of the city*. Cambridge: MIT Press.
- Madden, K., & Wiley-Schwartz, A. (2012). *How to turn a place around : a handbook for creating successful public spaces*, New York, NY, Project for Public Spaces, Inc., 2005, p. 119 p
- Madureira, H., & Andresen, T. (2014). Planning for multifunctional urban green infrastructures: Promises and challenges. *Urban Design International*, 19(1), 38-49. <https://doi.org/10.1057/udi.2013.11>
- Mont'Alvão, C, & Villarouco, V (2011). *Um novo olhar para o projeto: a ergonomia do ambiente construído*. Teresópolis, Rio de Janeiro, (ORG) Editora 2AB, 2011.
- Mora, M. (2009). Indicadores de Calidad de Espacios Públicos Urbanos, para la vida ciudadana, en Ciudades Intermedias. Los pueblos americanos: câmbios y continuidades. La construcción de lo próprio en un mundo globalizado. 53° Congreso Internacional de Americanistas, 19-24/julho/2009, Cidade do México.
- Moro, A. (2011). Una Metodología Sistemática para el Análisis de los Espacios Públicos. El caso de la ciudad de La Plata. *Revista Questión*, vol.1, nº30, Buenos Aires. <http://hdl.handle.net/10915/34442>
- Niemeyer, C.A. & Labaki, L.C, (2014). Application of a Methodology for Ergonomic Diagnosis of Open Spaces. *Journal of Engineering and Architecture*, December Vol. 2, No. 2, pp. 01-10. American Research Institute for Policy Development. DOI: 10.15640/jea.v2n2a7
- Oliveira, G. R. & Mont'Alvão, C. R.(2016). Método de design de interiores no Brasil: uma contribuição dos princípios da ergonomia do ambiente construído Rio de Janeiro, 279p. Tese de Doutorado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica.
- Oliveira, M., Pinto, I. C., Christello, C. V., Dias C.V., Herkson O.W., Lopes, T. & Alves, P. (2014). Análise da estrutura de uma unidade de saúde da família sob a perspectiva da ambiência. *Revista de Atenção Primária a Saúde*. v. 17. p. 423-428.
- Pine II, B. J. & Gilmore, J. H. (1998). Welcome to the Experience Economy. *Harvard Business Review*, v. 76, n. 4, p. 97-105.
- Reis, A. T., Lay, M.C. (2006). Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem perceptiva e cognitiva. *Ambiente construído*, v.6, nº 3, jul./set. 2006, 21-34, Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Porto Alegre. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/31663>
- Remesar, A. (2008). Espacio Público de calidad. *Manual de Metodologia e Boas Práticas para a Elaboração de um Plano de Mobilidade Sustentável*, 96-101.
- Sant'Anna, A. de S., Nelson, R. E., Oliveira, F. B. de, Martins, D., Jelihovschi, P. H. G., Souza, I. V. A., & Leal, F. O. C. (2016). A Liderança em contextos de diversidade e inovação: Contribuições do espaço público (Relatório de Pesquisa/2016), Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Schmid A.L. (2005). A Ideia de Conforto. Reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto Ambiental; 2005. Curitiba: Pacto Ambiental, 338 p.
- Schmitt, Bernd. (1999). Experiential Marketing. *Journal of Marketing Management*. 15. 53-67. doi.org/10.1362/026725799784870496